

sobre tudo

O QUE NOS UNE: ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODOLFO PANTEL¹³

Entrevistadores: Fernanda Müller¹⁴

Tomás Figueiredo Fontan¹⁵

Intercambistas argentinos do Projeto Córdoba 2018¹⁶

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Estamos reunidos no Laboratório de Geografia, do Colégio de Aplicação, para conhecer um pouco

¹³ Historiador e professor de História do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador e Integrante do Projeto Córdoba de 2000 a 2010. Contato: maraqqpantel@hotmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

¹⁴ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenadora do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

¹⁵ Licenciado em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador do Projeto Córdoba desde 2013. Contato: tomas.figueiredo@ufsc.br

¹⁶ Intercambistas argentinos do Projeto Córdoba 2018: Elías Ramón Velázquez, Eugenia Lucía Raisz, Ignacio Giménez, Ignacio Nicolas Lozada, Julieta Cerezo Vasquez, María Agustina Duartez, Milena Dassie Wilke, Rocío Issidoro, Santiago Infante López e Tomas Rodriguez Misael.

mais a história do Projeto Córdoba e a sua visão sobre a América Latina e a conjuntura atual. Como o Projeto Córdoba chega até você?

PROFESSOR RODOLFO: Eu não fiz parte dos fundadores do projeto. Mas participava orientando ou contribuía com essa história de dar aula para vocês no dia a dia. Então eu entrei no projeto em 2000. Fui uma primeira vez, depois fui mais várias vezes a Córdoba, ou levando ou trazendo vocês e fiquei muitos anos na comissão. Sempre tinham professores de Português, ou de Geografia ou mesmo de História. O intercâmbio, por ter uma conotação política, atrai os professores das áreas sociais. Os professores de Filosofia e de Sociologia, que são os meus colegas. Então a comissão sempre me foi atraente, porque sempre foi composta por professores que faziam parte da minha convivência, do meu dia a dia no colégio.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O Projeto Córdoba surgiu em 1992, no contexto do Mercosul, não foi?

PROFESSOR RODOLFO: Sim, e sobre isso também era legal de vocês pensarem um pouco, não é? Da época em que surgiu o projeto, como estavam as coisas tanto na Argentina quanto no Brasil e em boa parte da América Latina. Estávamos saindo de uma ditadura militar, a do Brasil terminou em 1984, a de vocês a mesma coisa. Então, veio o Alfonsín, veio aquela parte liberal, para substituir o regime militar que estava posto ali. Foi uma abertura, o início de uma saída de um regime muito autoritário. Aqui no Brasil também, a gente teve uma saída bem liberal ao final da ditadura militar, tipo Sarney. Não sei se vocês já ouviram

falar. Muito pior que o Alfonsín, de uma ala mais conservadora, não autoritária, porém de direita. É nesse contexto que devagarzinho surge a ideia do intercâmbio, porque quando existiam as ditaduras militares elas eram articuladas, Plano Condor etc. Quando veio essa maré liberal, também veio articulando os países. Uma dessas articulações, pela direita, meio burguesa, voltada em grande parte para o comércio e a economia, resultou no surgimento da ideia do Mercosul. Para nós do projeto foi fantástico, porque esse contexto favoreceu. Imagina, na época da ditadura a gente não conseguiria fazer esse intercâmbio, a não ser que fosse só esportivo. Foi nesse contexto de abertura política, mesmo pela direita, mesmo liberal, que se criaram condições para os dois colégios pensarem numa relação como a que acabou surgindo. Se vocês observarem, nesses vinte e poucos anos, esse contexto histórico mudou várias vezes. A gente passou por Fernando Henrique, Menem, depois Lula e Kirschner, não é? E agora Temer, então sabe-se lá o que vai acontecer nos nossos países. Eu não temo pelo projeto, eu acho que já anda sem precisar tanto de um contexto favorável, ele já é institucional, já é mais sólido. Mas precisamos imaginar que temos novamente uma situação bem diferente em termos históricos e que com certeza vai mexer nas nossas relações. Quando o Projeto Córdoba nasceu era um momento de esperança, um momento de mudança, uma perspectiva de melhora, saindo da ditadura, limpando as feridas, tentando um recomeço.

ESTUDANTE ARGENTINO (SANTIAGO): Quando foi pela primeira vez para Córdoba, o que você esperava? Por que é uma ansiedade

muito marcante, pelo menos para os estudantes. Como é para um professor?

PROFESSOR RODOLFO: Também é. Porque, como eu disse para vocês, a gente não tinha muitas outras experiências para se mirar. Era uma coisa nova que a gente estava fazendo e tinha que construir do nada. Alguns professores ficaram bem amigos, Suzana, Dante, Nancy. E foi assim comigo. Na primeira vez em que eu fui, fiquei muito no hotel. O pessoal saía à noite, eu falava que não ia sair porque precisaria acordar cedo na manhã seguinte, que iria dormir. Sou um pouco tímido mesmo. Levou um tempo para eu me acostumar com essa coisa dos argentinos! Me acostumar com vocês e me sentir bem lá. Porque eu me sinto muito bem em Córdoba. *Me gusta la ciudad, me encanta*. Foi um pouco isso. A pergunta foi sobre o que a gente sente, não é? Então, Fernanda está há três anos no projeto, Tomás, há seis, Marcio foi pela primeira vez esse ano. Estão começando. Mas a gente tem um grupo que ficou mais tempo, que está praticamente há 20 anos no projeto e continua no projeto, como a Danuza. E tem os novos, que devem passar por essa experiência de ficar emocionados ao atravessar a fronteira, mudar de língua e conhecer os *hermanos*, porque a experiência é estar ali, a vivência de dois meses. Eu nunca fiquei dois meses em Córdoba, mas como eu fui muitas vezes, somado o tempo, dá mais do que isso. Mas dois meses eu acho que é bastante tempo, em termos de vivência, de experiência que vocês podem ter, essa coisa de mexer com as emoções, não é? E que começa antes. No início do Projeto Córdoba, só havia carta, não existia telefone, nem as comissões conseguiam se falar. A gente confiava uns nos outros e falava: “– Eu acho que eles vão mandar os *chicos*.” Porque não

conseguíamos nos comunicar. Então ninguém sabia com qual família ia ficar. Passavam dois meses quase sem falar com os pais, escrevendo cartas que demoravam um tempão para chegar. E agora vocês já sabem, já se conhecem antes de vir, já conversaram, já viram fotos. Parece que as emoções agora passam por outro ritmo, mas a gente sentiu essas coisas também, de ficar emocionado, de tentar algo novo, de conhecer pessoas diferentes.

ESTUDANTE ARGENTINO (IGNÁCIO): Como os professores do Brasil viam os professores argentinos? Por que agora alguns professores não gostam muito do intercâmbio e como era antes?

PROFESSOR RODOLFO: Era pior! Porque o contexto era esse. A gente estava saindo de um Estado muito autoritário e nós, esses que estão no projeto, éramos oposição e minoria no colégio. Houve um movimento pela democracia, para ter a Malvinas, o governo de vocês tinha que cair, o nosso também caiu. Houve um movimento pela democracia, pelo fim da ditadura. Aí, nós que sempre fomos perseguidos no trabalho, que não podíamos falar francamente com os estudantes, que tínhamos os livros censurados, começamos a ter um pouco mais de liberdade, mas continuávamos sendo uma minoria dentro da escola. Primeiro, há uma visão técnico-científica do ensino: de que Matemática é muito mais importante que História; de que Química é muito mais importante que Filosofia; de que Física é muito mais importante que Geografia... imagina Educação Artística, que nem cai no vestibular! A escola, a nossa pelo menos, era muito técnico-científica, conteudista, preparando os alunos para fazer universidade. Quem predominava aqui eram professores

conservadores, de direita, que achavam que as Ciências Exatas eram as que iam salvar o mundo. Então nós estávamos numa situação que não era muito confortável. Fazer, criar e desenvolver o projeto sempre foi na base do enfrentamento para conquistar espaço. E hoje, para garantir os espaços que a gente já conquistou, porque parece que vem de novo uma visão de escola mais fechada. A gente consegue ir tocando o intercâmbio porque é um bom intercâmbio, porque é uma coisa que pedagogicamente funciona. Vocês vão aprender um pouco de Português, vão perder um monte de preconceitos, vão sair daqui melhores pessoas, entendem?

A gente tem que manter esse espaço democrático, que é o intercâmbio, porque defendo a ideia de a gente ser contra o sistema. De que nós não estamos satisfeitos com a sociedade em que a gente vive e que vocês terão que assumir já, daqui a pouco. Eu me sinto como um adolescente insatisfeito com o mundo dos adultos, que tem o desejo de que a gente possa transformá-lo. E o intercâmbio é uma ferramenta incrível de transformação.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Levando em conta que, entre os presentes aqui, você, Professor Rodolfo, é quem mais transitou entre Brasil e Argentina, estabelecendo vínculos e laços de amizade com os *hermanos*, na sua opinião, o que aproxima brasileiros e argentinos?

PROFESSOR RODOLFO: Tem muito mais coisa que une do que nos separa. Eu acho que se nós nos vemos como *hermanos* será mais fácil de a gente se reconhecer. Acho que é uma questão fraternal. Primeiro, porque os seres humanos são seres humanos, eles não são brasileiros ou argentinos: antes de tudo, nós somos seres

humanos. Segundo, porque nós não somos brasileiros ou argentinos, nós somos ou burgueses ou trabalhadores. A elite argentina é péssima tanto quanto a elite brasileira. A nossa união é a união dos povos latino-americanos: tem um pouco de povo latino americano na Argentina, como tem um pouco de povo sul-americano no Brasil e nós estamos tentando articulá-los. Por isso a gente diz que o projeto é crítico, anti-sistêmico, porque nós queremos uma América Latina onde os povos sejam fraternos.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Observando tantos estudantes que vão e voltam do intercâmbio, o que essa experiência acrescenta na vida dos jovens?

PROFESSOR RODOLFO: Isso eles é que têm que dizer, não é? Ao final dos dois meses. Eu acho que vocês passam por um amadurecimento bem grande, porque é uma situação forçada, vocês não podem fugir, e vocês optaram, vocês quiseram vir. Havia algum interesse, algum desejo que moveu vocês pra vir pra cá. Então esse envolvimento, traz mudanças. Vocês vão passar por experienciais indeléveis, que serão marcantes, talvez inesquecíveis. Primeiro porque são jovens, tudo é meio novidade, vocês estão descobrindo o mundo, tudo é muito importante. Primeiro amor. Tudo primeiro. E todas essas experiências que são assim primeiras, elas são muito marcantes nas vidas das pessoas. Vocês estão no momento certo, compreendem?

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como o projeto impactou no colégio? Quais desdobramentos ele trouxe, o que acrescentou na escola?

PROFESSOR RODOLFO: Não é só a experiência pessoal, que é legal. Essa vivência que vocês têm já vale muito. Mas as duas instituições têm que ganhar alguma coisa, os dois colégios. Não se trata de turismo, de diversão, ao estilo “–Vamos à praia!”. Tem que ter alguma coisa: vocês têm que fazer pesquisa, tem que fazer um bom trabalho, tem que ser bons estudantes, tem que respeitar a família onde estão e tem que conhecer a cidade, certo? Ainda não é só isso, não pode ser só isso. São duas escolas públicas e os custos são altíssimos, tem aqui quantos professores e estagiários envolvidos por causa de vocês? A escola tem que sentir o caráter pedagógico do projeto. E a gente percebeu, por exemplo, que tinha aula de Português, Francês e Alemão. Não se estudava Espanhol, porque não era valorizado. É o tal do preconceito, dessa coisa do Brasil ficar de costas para Argentina. Sabemos muito mais da Europa ou dos Estados Unidos do que o que está acontecendo em Buenos Aires, certo? Apesar de próximos, somos muito distantes. Mas por causa do intercâmbio, junto com o Mercosul, passamos a oferecer a disciplina de Espanhol no colégio. Isso é fruto, praticamente direto, da força do intercâmbio. Vocês ainda têm Estudos Latino-Americanos no ensino médio? Nós fizemos uma mudança de currículo na escola, para introduzir essa disciplina que se chama ELA. O Belgrano que é enorme, grande e tradicional, ainda não introduziu o Português por lá.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): Introduziu, agora.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): 25 anos depois.

PROFESSOR RODOLFO: É uma coisa meio complicada mexer no currículo e o Belgrano é grande, tradicional. Mexer lá, talvez seja um pouco mais difícil do que mexer aqui. Mas me parece que mesmo uma escola grande como a de vocês está tendo que perceber que existe o Brasil, que existe a Língua Portuguesa e que estamos ao lado de vocês. E que vocês todos vem aqui na nossa praia, no verão. Então é um contrassenso não ter Português no Belgrano, mas é fruto dessa lógica. Vocês também preferem estudar Inglês, ou Alemão, ou Francês porque são línguas clássicas. A universidade tem orgulho de ter um intercâmbio internacional como esse e ele se dá justo na educação básica. Dois colégios públicos, dentro de duas universidades nacionais fazendo um intercâmbio desse tipo muda o caráter do colégio, da universidade. Se a gente não existisse, iria haver uma ausência, uma falta, como fazia falta o Português no Belgrano.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Mudando um pouco de assunto, mas não muito, poderia comentar um pouco sobre os 100 anos da Reforma de Córdoba e nos dizer qual reforma estamos precisando agora?

PROFESSOR RODOLFO: Sou professor de história e penso assim: tem momentos em que a gente avança na História e outros em que a gente recua. Vocês já ouviram falar da dialética? Ou da contradição? A História se move por causa da dialética, por causa das contradições. Por muito tempo a educação aqui nas colônias da América era responsabilidade da igreja, principalmente dos jesuítas, que têm muito esse papo de lidar com as crianças para logo doutrinar. Aqui no Brasil, os jesuítas trabalharam com os índios, com os filhos dos índios, para ir aculturando, para que já

começassem a acreditar em Deus. Então as universidades eram muito limitadas, restritas, eram controladas pelo pensamento escolástico. Mas os jovens estudantes cordobeses daquele momento estavam vivenciando um governo liberal. Porque lá na Argentina, como no Brasil, tem o golpe, a ditadura militar, um governo liberal, mais um golpe e um governo liberal. Então se aparece um Kirchner, um Perón ou um Lula é um deus nos acuda: aí vem outro golpe! Naquele momento a gente tinha um periodozinho mais aberto na sociedade Argentina e os estudantes puderam perceber certas coisas, certas contradições. Aqueles péssimos professores, aquele autoritarismo dentro da universidade, aquela forma de pensar que era praticamente anticientífica em pleno século XX. Em 1917, já tinha revolução socialista na União Soviética. Falei de contradição dialética, pois então, não tinha só o capitalismo liberal ou o capitalismo autoritário, tinha já uma proposta concreta de um povo que vai lá e modifica a sociedade de forma concreta. Tinham muitos imigrantes vindo para cá, italianos e alemães, e muitos deles eram anarquistas. Há uma mudança grande na sociedade argentina com a entrada desses imigrantes europeus, não são só mais gaúchos do pampa ou caipiras de Córdoba, agora começa a surgir um monte de gente que podemos chamar de classe média. Alguns estudantes vão percebendo que já não é possível uma faculdade tão antiquada, anacrônica, fora do tempo, e iniciam um movimento pela cátedra livre. O que os estudantes de Córdoba pensaram foi numa universidade como a que temos hoje, uma universidade pública gratuita, laica, republicana, cidadã, universal. Isso começou em Córdoba, essa ideia de universidade que depois se alastrou, se organizou em comissões, em intercâmbios. Iam para o Peru, para o Chile, e ali começava a

reforma universitária no Peru e no Chile. Aí vão para o México e é a mesma coisa. Aqui no Brasil demorou mais, porque nós fomos muito escravistas. A nossa elite é muito, muito, muito atrasada mesmo, de mentalidade escravocrata. Acha que o povo não existe, não é? Então demorou mais, mas também acabamos conquistando espaços como a UFSC, a UNICAMP, a UFRGS e assim por diante. E vocês têm a Universidade de La Plata, a de Buenos Aires e novas universidades que surgem dentro desse modelo reformista. Os estudantes invadiam e ocupavam as reitorias, *las tomas* começaram lá. Foram à Buenos Aires em comissões e falaram com o presidente, convencendo-o a derrubar o reitor, foram falar nos sindicatos dos trabalhadores, foram junto ao *pueblo* para fazer teatros, montar bibliotecas. Eles acreditavam que as universidades teriam que ter uma extensão, que estar comprometidas com seu entorno. Hoje o povo morre de fome aqui na Serrinha ¹⁷ e não pode comer no Restaurante Universitário? Então, que universidade é essa, de fachada? E antes era muito mais, agora já está muito melhor. Eu acho esse modelo de universidade uma coisa que nós devemos lutar para proteger, porque a ideia neoliberal é simplesmente privatizar, é tirar o caráter público, republicano e cidadão da universidade, que foi conquistado a duras penas e que resistiu a ditaduras, tanto argentinas quanto brasileiras. Claro que tivemos intervenções, tivemos vários professores e cientistas presos ou mortos por tortura. Ou como agora no Brasil, quando professores estão indo embora para os Estados Unidos ou sei lá para onde por falta de recursos. Por que vão ficar aqui, não é? Nessa situação. Por isso afirmo que a universidade que veio da reforma está muito

¹⁷ Bairro popular no entorno da UFSC.

ameaçada nesse momento, refletir sobre a reforma de 1918 é super atual, não é um assunto da História que já passou. É um assunto presente, novamente está sendo discutido qual tipo de universidade nossos países precisam. Se a decisão couber a nossas elites, estamos mal. Então nós, estudantes e trabalhadores, infelizmente, estamos meio distantes da universidade, quando deveríamos estar mais próximos, mais dentro. No Brasil temos cotas para negro, índio, pobre. Tem mudado um pouquinho a cara dos estudantes universitários, de vez em quando se vê o que não estávamos acostumados: um que não é um branco, de classe média, com carro. Mesmo assim, nossa universidade é muito elitista, nós temos o vestibular que seleciona muito. Deveríamos lutar contra o vestibular, mas é uma luta meio complicada, agora que a própria universidade reformista está sendo ameaçada. Então seria legal podermos comemorar no sentido de lembrar, de ter a memória de que os estudantes fazem parte da sociedade e de que os estudantes podem ser sujeitos de transformação da história importantíssimos.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Uma última pergunta para finalizar. Pensando no Projeto Córdoba e no desejo de aproximação entre os países da América Latina, qual é a importância do projeto para alcançar esse ideal?

PROFESSOR RODOLFO: Eu acho que a América Latina está em construção, está em disputa. Que tipo de América Latina nós vamos ter daqui para a frente? Eu percebo que existe toda uma conjuntura internacional, uma conjuntura que nos modela, nos molda, nos oprime, nos condiciona de uma certa maneira. O

projeto não é livre para unir a América Latina (risos) e... eu não sei quantos... quatrocentos e poucos intercambistas?

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Quase 500.

PROFESSOR RODOLFO: Então, isso aí já dá um... bem, eu não sei o que dá isso (risos). O que conseguimos fazer com 500 pessoas? Eu acho que para fechar a ponte precisamos de uns cinco mil.

ESTUDANTE (SANTIAGO): Com 500 pessoas você conscientiza 2.000.

PROFESSOR RODOLFO: É assim que funciona. Vocês souberam do projeto de alguma maneira, não só porque um professor falou, não? Vocês conhecem algum ex-intercambista?

103

ESTUDANTES (EM CORO): Sim [todos].

PROFESSOR RODOLFO: Sim, sim, sim. São colegas de vocês. E falaram do que aconteceu com eles aqui, muitas histórias, não? Vejam como se multiplicam essas histórias, que podem estar numa entrevista, num livro e que estão na vida das pessoas. Como eu disse, eu acho que vocês mudam com essa experiência. Estamos sempre mudando, mas essa experiência, em especial, ela é limite. Os colocam em situações em que vocês falam: “– Putz, caraca, o que está acontecendo comigo, eu tenho que me virar, eu tenho que sobreviver a isso e aprender com isso tudo.” Então daqui 20 ou 30 anos vocês ainda vão lembrar do Brasil, dos *hermanos brasileños*, dos preconceitos que vão sendo quebrados, dessa proximidade que a gente vai criando aqui. Ela é uma célula,

é uma semente que a gente vai plantando, ainda mais porque vocês são jovens. Vocês têm quinhentos, replica dois mil, imagina esses 500 durante 10 anos. 200 mil, 20 mil, 2 milhões? Eu não sei, bom, vai pensando aí, né?! Vamos pegar a Matemática, os algoritmos, e ver que o nosso poder não é tão pouco assim.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Este ano, no ato de boas-vindas, quando vocês chegaram, a Professora Danuza leu o nome de todos os intercambistas de 1992 – brasileiros e argentinos. Para nós talvez sejam apenas nomes que foram lidos, pois eu mesmo tinha 10 anos quando começou o intercâmbio. Eu não sei quem são aquelas pessoas, mas são importantes, porque há outras iniciativas de intercâmbio na história do Belgrano, como aquele estabelecido com Belo Horizonte, que já se perderam. Era uma tentativa recente e que fim deu? Não é fácil construir um intercâmbio igual ao Projeto Córdoba, então as pessoas que já passaram por aqui são fundamentais.

PROFESSOR RODOLFO: E o intercâmbio do ano que vem são vocês que fazem. As histórias que vocês forem contar lá depois, vão atizar outros que vão querer vir pra cá no ano que vem. Então é uma corrente. Nós estamos todos ligados, e é uma coisa assim meio subterrânea. Que não aparece num livro de História, parece que não acontece. Parece que não existe na História, não é? Mas na verdade existem esses laços que vão sendo construídos no dia a dia, pouco a pouco, e isso vai adquirindo uma dimensão que em algum momento aflora, entendem? São essas coisas meio subterrâneas que a gente não vai vendo direito, que a gente vai pensando só nos grandes presidentes, grandes guerras, revoluções e tal, e essas coisas ficam assim meio, subterrâneas

mesmo, mas elas vão se ligando. Dentro da história do socialismo, mesmo que a gente perca, essas derrotas são valiosas. Eu estava vendo a entrevista do Antônio Cândido, uma das que ele concedeu. Um dos grandes pensadores brasileiros do século XX. E ele é socialista, a vida inteira foi socialista ferrenho, foi perseguido na ditadura, essas coisas, professor universitário renomado, de várias obras publicadas. Ele disse que o socialismo não foi derrotado. As poucas coisas boas que têm no capitalismo, foram os socialistas que arrancaram a ferro e a fogo. Então, é isso que eu digo, essas lutas todas vão acontecendo e estão interligadas. E tem um momento em que nós vamos de novo nos rebelar por uma universidade melhor e tomar a reitoria. A classe operária em algum momento vai se rebelar e mudar a sociedade. E as experiências que a gente vem tendo vão ser fundamentais nesses momentos, para aglutinar e fazer a síntese. Eu falei da dialética: a tese, a antítese e a síntese, um movimento lógico que está também na natureza e na realidade social. Nós estamos acirrando as contradições, para que haja um movimento qualitativo de mudança. Que em algum momento vai acontecer, ou nós vamos morrer todos (risos). A revolução vai acontecer. E as experiências que estão sendo construídas vão ser importantes. Ah, lembra do Che? Sim, sim, lembro do Che. Temos que lembrar. Lembra do Mao? Ah, lembro, sim. Lembra do Lênin? Então, essas histórias estão aí, acirrando as contradições. Então é isso, vamos acirrar as contradições. Vamos atrás da síntese.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): Eu queria perguntar isso. Porque você está falando da luta. Como esse intercâmbio, ajuda na luta? Porque, por exemplo, eu encontrei muitas lutas que na Argentina eu não havia me questionado. Como o Movimento do Passe Livre, do

Lixo Zero, ou essas coisas que estão por aí na nossa educação pública, mas são pequenas coisas que se encontram no dia a dia. Então queria perguntar como vê as formas de luta que existem aqui no Brasil e as da Argentina?

PROFESSOR RODOLFO: Eu acho que toda luta é válida.

ESTUDANTES (IGNÁCIO): A luta pelo coletivo, não é isso?

PROFESSOR RODOLFO: A luta certa, sim.